



## SINOPSE



Um corpo se encontra instalado num canto, sala, palco ou galeria, vazando palavras apocalípticas tropicais. É presença exposta e atravessada por estilhaços do caos contemporâneo. A performance se configura como um ato radical quando utiliza as artes cênicas como denúncia do violento mundo em que vivemos, revelando o caos como sintoma. Propõe uma política de resistência em benefício da vida.



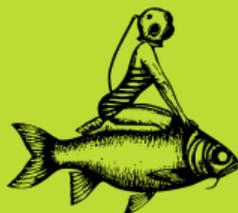
# A PERFORMANCE



**HT** retoma a pesquisa solo de Carmen Jorge, com foco no processo de elaboração de um **corpocaos**. Utiliza como dispositivo cênico a técnica do Popping (vertente do Hip Hop), atuando como disparador de um estado de corpo que se **autotuna**, controlando sobreposições entre velocidades de contrações, emissão de textos/sons, dança contemporânea e danças sociais, criando uma espécie de **fluxo de anti-fluxo** de movimento. A ideia de caos se acentua com a aplicação do recurso da voz trabalhado de forma dissociada e se contrapondo aos movimentos.



O projeto se inspira no universo dos artistas **José Agrippino de Paula** e da diretora, bailarina e coreógrafa, **Maria Esther Stockler**, ambos, ícones relevantes da cultura brasileira, nos anos 60 a 80.





## **“CHOVIA FRANGOS ASSADOS E A MULTIDÃO**

que compunha os dois gigantes se defendia dos frangos que caíam. Um frango assado bateu no meu ombro e eu caí sentada na rua. Os frangos assados explodiam violentamente no asfalto. O meu ombro doía muito e, eu passei a mão na cabeça retirando os pedaços de frango presos no meu cabelo. A chuva de frangos estava terminando e eu vi o imenso Göring, de botas e suástica no ombro, morto, pela chuva de frangos assados que caíam do céu azul”.



Obra fundamental da literatura brasileira, escrito em 67, trata-se de uma epopeia pop urbana, marcada pelo senso de destruição e do caos. José Agrippino de Paula, o “guru” não visibilizado da Tropicália, por meio de um intenso discurso, constrói a narrativa através de recursos e técnicas de outras linguagens como cinema, HQs e pintura, para revelar a imagem e sensação do absurdo panamericano diante das imposições do imperialismo.



**PanAmérica** apresenta personagens da cultura pop como símbolos motivadores do mito, sem ênfase em seu aspecto psicológico, forma potencializadora da performance em HT, que não se configura como teatro, apesar do texto, mas que vai como no texto, se utilizar do desmonte desses mitos como força desestabilizadora do *corpomito* que ali se expõe.



A

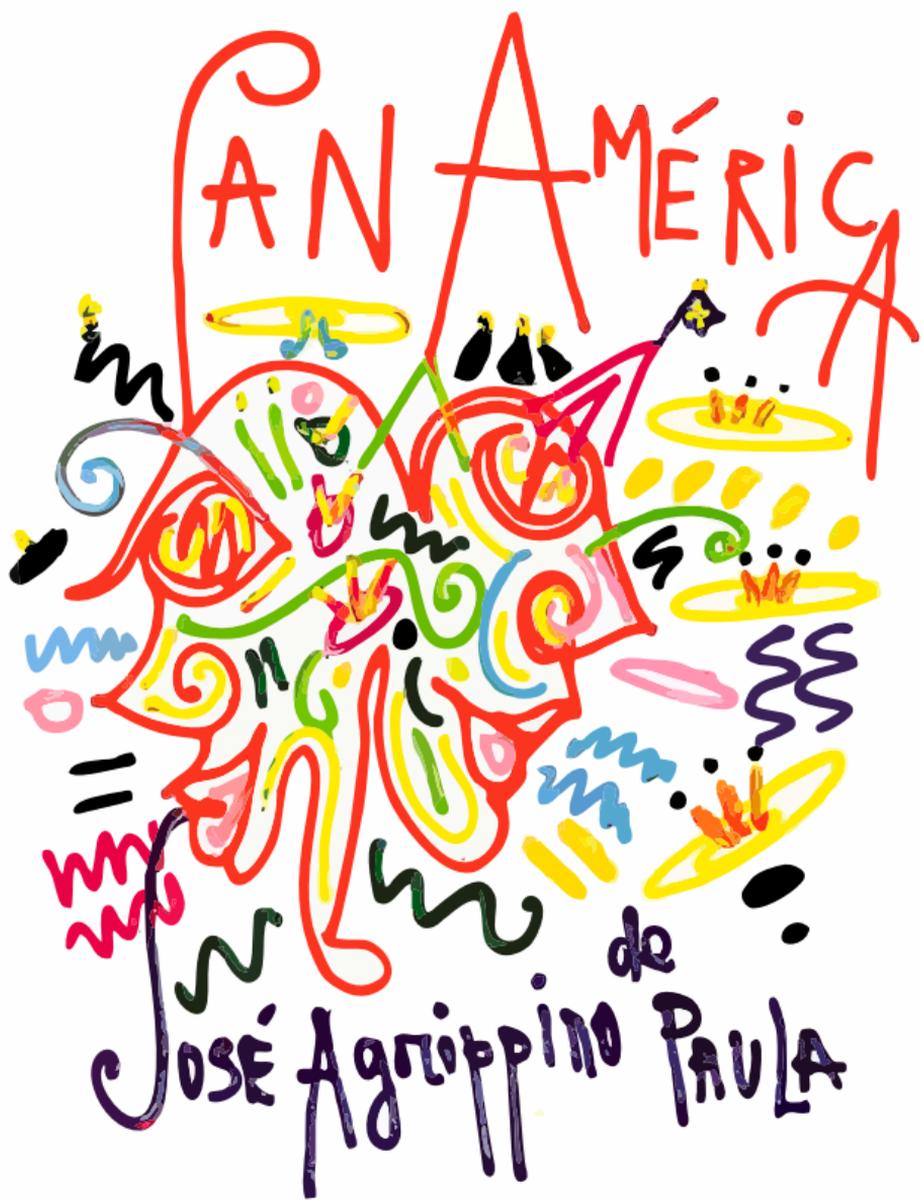


Ilustração de José Roberto Aguilar

T



JOSÉ  
AGRIPPINO  
DE PAULA





**José Agrippino de Paula** (1939- 2007).

Romancista, cineasta e dramaturgo.

Em 1955, ingressa na Faculdade

de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade de São Paulo

(FAU/USP), junto com o

cenógrafo Flávio Império,

transferindo-se em seguida

para a Faculdade Nacional de

Arquitetura da Universidade do Brasil,

no Rio de Janeiro. Na nova faculdade

envolve-se com o teatro e encena, em

1959, uma adaptação do romance

Crime e Castigo, do escritor russo

Fiodor Dostoievski (1821-1881),

na qual trabalha como ator, diretor

e cenógrafo. Retorna a São Paulo,

em 1965, onde publica seu primeiro

romance, Lugar Público. Em 1967,

publica sua obra mais importante, o

romance PanAmérica. Na década de

70, o escritor dedica-se ao romance

Terracéu, sobre o qual há

pouquíssimas informações.

MARIA  
ESTHER  
STOCKLER





**Maria Esther Stockler** (1939 - 2006) bailarina, coreógrafa e preparadora corporal brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro e faleceu em Paraty (RJ). Sua formação foi diversa, incluindo balé, ioga e danças modernas.

Conhecida por seu trabalho com base na improvisação e por sua abordagem desapegada de escolas ou técnicas formais de dança, Stockler buscou em suas criações reverberações energéticas e uma interpretação que refletia sobre a própria existência.

Colaborou com o artista José Agrippino de Paula, com quem desenvolveu produções cênicas inovadoras nos anos de 1967 a 1970.



Posteriormente, seu interesse se voltou para experiências antropológicas, que influenciaram sua dança e foram registradas em vídeo, resultando nas primeiras produções experimentais unindo cinema e dança no Brasil. Além de sua atuação como bailarina e coreógrafa, Maria Esther Stockler também trabalhou no cinema, participando de filmes como «O Bandido da Luz Vermelha” (1968), entre outros.

Esther foi coreógrafa da icônica e irreverente montagem de “O Rei da Vela” pelo Teatro Oficina. Peça de Oswald de Andrade, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, de grande impacto em 1967.

A romantic scene of a couple kissing underwater. The woman is in the foreground, her face close to the man's. They are surrounded by bubbles and light rays filtering through the water. Large, stylized pink letters 'A' and 'T' are positioned in the top-left and bottom-left corners, respectively, framing the central image.

O CASAL  
DE XAMÃS  
PRÉ-TROPICALISTA



Segundo o cineasta Hermano Penna, Esther e Agrippino formaram uma dupla visionária. Precusores do movimento Tropicalista, aproximaram dança, teatro, cinema, artes visuais e performances. Suas ideias revolucionárias de forte teor anárquico, influenciaram toda uma geração de artistas, de Fernanda Montenegro à Caetano Veloso e foram amplamente expressas através dos espetáculos: Tarzan 3º Mundo o Mustang Hibernado, 1967 - (Estreia do Primeiro Festival de Dança do SESC), que deu origem ao filme Hitler do 3º mundo; Panis et Circenses - O Planeta dos Mutantes 1967, apresentação musical com Rita Lee e os Mutantes e, Rito do Amor Selvagem 1968/1969- (Festival de Dança do SESC). Espetáculo icônico que abalou todas as estruturas do ambiente cultural da época.





Em 1969, saíram do Brasil para fugir da ditadura e foram para o oeste da África: Nigéria, Togo, Dahomey e Senegal, vivenciando rituais religiosos em locais de enorme riqueza de ritmos e danças. O resultado desse trabalho está registrado nos filmes: Candomblé no Togo, Candomblé no Dahomey e Maria Esther Danças na África. De volta ao Brasil, nos anos 70, foram morar na Aldeia Hippie de Arembepe na Bahia e tiveram uma filha, Manhã de Paula. Nesse período realizaram o filme em Super 8 Céu sobre Água. Em 1976 e 77, já separados, Maria Esther com a filha Manhã, foi morar nas montanhas do Perú e em seguida na Amazonia peruana. Seguindo sua pesquisa em dança e arte, debruçou-se nos rituais de medicina e religião indígenas.





Essa vivência resultou na criação de dois filmes curta metragem de ficção e dança: Pesquisa nas montanhas do Peru e Mãe Terra. Em 1986, participou do filme Cinema Falado de Caetano Veloso, onde apresentou duas de suas criações coreográficas. Em 1980, Agrippino é diagnosticado como esquizofrênico e passa a viver isoladamente no município de Embu, na Grande São Paulo. Até sua morte, escreveu compulsivamente, em 173 cadernos numerados, outro romance, também inédito, chamado Os Favorecidos de Madame Estereofônica.



CARMEN JORGE



Diretora Artística, performer, coreógrafa, figurinista, produtora, curadora e gestora. Licenciada em Dança pela PUC/Guaíra. Pós- Graduada em Dança pela UFBA e em Letras pela PUC/RJ. Coreografou a companhia estatal Balé Teatro Guaíra em 2011. Foi contemplada com o programa O Boticário na Dança em 2015, com seu solo CLOUDS. Atuou como preparadora corporal em mais de 190 peças de teatro e dança, recebendo quatro troféus Gralha Azul Governador do Estado (PR). Em 2017 foi professora substituta da UFPR no Curso Técnico de Produção Cênica. De 2018- 2021 foi Consultora de Dança de Curitiba a convite da Fundação Cultural de Curitiba, onde criou a Mostra SOLAR. Desde 2002 é autora dos espetáculos e performances da PIP Pesquisa em Dança, companhia que fundou e dirige, sendo contemplada com vários prêmios e editais nacionais. Artista multilinguagem com vasta experiência em dança, teatro, vídeo, poéticas tecnológicas, sua pesquisa explora as relações do corpo com o mundo contemporâneo.

[www.criacorpo.art](http://www.criacorpo.art)

# FICHA TÉCNICA

Realização **PIP Pesquisa em Dança**  
Proponente **Arco Produções Artísticas**  
Concepção, Intérprete Criadora  
e Dramaturgia **Carmen Jorge**  
Produção **Bia Reiner**  
Design e Operadora  
de som **Edith de Camargo**  
Figurino **Luan Valloto**  
Iluminação **Wagner Corrêa**  
Palestra **Octávio de Camargo**  
Assessoria de  
Imprensa **Glaucia Domingos**  
Design Gráfico **Adriana Alegria**  
Vídeo **Lívea Castro**  
Intérprete de Libras **Talita Grünhagen**  
**e Kelly Caobianco - TAÉ Libras e Cultura**  
Fotógrafo: **João Debs**



Este espetáculo estreou em 06.05.2025,  
na Biblioteca Pública do Paraná  
realizando 04 apresentações.  
Em seguida foi convidado para  
se apresentar na abertura da  
Mostra SOLAR da Casa Hoffmann -  
Centro de Estudos do Movimento em  
Curitiba, nos dias 16 e 17.05.2025.





**“EU PENSEI QUE AQUELAS  
PERTURBAÇÕES TERIAM ORIGEM  
NO OVO FRITO CÓSMICO.**

Eu vi milhares de minúsculas cabeças na multidão sendo iluminadas por uma luz branca, e todos olhavam em pânico para cima. Mas o ovo frito cósmico passava atrás dos prédios, e nós só vimos parte da luminosidade branca, que deveria ser a clara do ovo frito cósmico.”



# A G R A D E C I M E N T O S



Ministério da Cultura,  
Lei Aldir Blanc,  
José Agrippino de Paula,  
Maria Esther Stockler,  
Chara Albuquerque,  
Guataí de Paula,  
Irma Aparecida Doretto Jorge,  
Karem Irma Doretto Jorge,  
Caetano Galindo,  
Adriana Alegria,  
Alan Raffo,  
Álvaro Antônio,  
Luiz Felipe Leprevost,  
Michele Schiochet,  
UFPR Matinhos,  
DANCEP,  
Fernando Nascimento,  
Padaria América,  
Casa Hoffmann,  
Rosane Chamecki  
e Andrea Lerner.





## REALIZAÇÃO



## APOIO



## INCENTIVO



Prefeitura de  
**CURITIBA**

POLÍTICA NACIONAL  
**PNAB**  
ALDIRBLANC

MINISTÉRIO DA  
**CULTURA**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA -  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA,  
DO MINISTÉRIO DA CULTURA E DO GOVERNO FEDERAL